

JAIME ROCHA

TEATRO



EDIÇÃO TRIGO LIMPO teatro ACERT

OPERA

ALDO BIANCHI

TRANSVIRIATO

Título:
Transviriato

Autor:
Jaime Rocha
© *Jaime Rocha*

Revisão do Autor

Capa:
José Tavares

Paginação:
José Tavares

Impressão e acabamentos:
Tipografia Guerra, Viseu

Depósito legal: 167051/2001
ISBN: 972-97413-1-2

JAIME ROCHA

IS MOJE QUE CARREGA ESTE TEMPO TODO

TRANSVIRIATO

TEATRO

Edição ACERT

Tondela

2001

FICHA TÉCNICA

Estreia: Coimbra, Pátio da Universidade, 29/6/2001.

Encenação: José Rui Martins e Pompeu José.

Actores: Bernardo Mendonça, Carla Torres, Cláudia Andrade, Gil Rodrigues, Hugo Torres, Ilda Teixeira, Jorge Oliveira, José Rosa, José Rui Martins, Maria Miguel Almiro, Maria Simões, Marta da Silva, Miguel Torres, Nuno Ramos, Pompeu José, Ruy Malheiro e Teresa Ferreira.

Músicos: Carlos Peninha, Fran Pérez, Quiné, Miguel Cardoso, Pepe Sendón e Suzo Alonso.

Música original: Fran Pérez.

Cenografia: Pompeu José, Nico Nubiola e José Tavares.

Adereços: Nico Nubiola, Lali Canosa e Ruy Malheiro.

Figurinos: José Rosa.

Desenho de Luz: Luís Viegas.

Desenho de Som: João Paulo Martins.

Desenho Gráfico: José Tavares.

Operação técnica: João Paulo Martins, Luís Viegas e Paulo Neto.

Anotadoras de cena: Ilda Teixeira e Maria Simões.

Construção e montagem: Carlos Jorge Viegas, Cláudia Andrade, Cláudio Vinhanova, Hugo Torres, Ilda Teixeira, João Paulo Martins, Luís Viegas, Miguel Torres, Nico Nubiola, Paulo Leão, Paulo Neto, Pompeu José, Rui Ribeiro, Ruy Malheiro e Sílvio Neves.

Execução de Figurinos: Felicidade Café.

Fotografia: Carlos Teles e Paulo Leão.

Carpintaria: Sílvio Neves.

Serralharia: Rui Ribeiro.

Secretariado e Produção: Carla Torres, Maria Simões e Marta Costa.

Agradecimentos: Ana Isabel Carvalho, Ana Isabel Videira, Araufer, Catarina Estrela, Clara Coimbra, Clube Desportivo de Tondela, Escola Secundária de Tondela, Lisete Lemos, Margarida Melo, Oscar, Patinter, Rosa Simão e Sílvia Leão.

Apoio: Curpel e Metal Ibérica, SA.

TRANSVIRIATO

Tragicomédia

PERSONAGENS:

Bobo (Viriato)

Guerreiro (Viriato)

Homem da Carroça (Viriato)

Audax, embaixador de Viriato

Povo

Sérvio Galba, pretor e general romano

General Vitílio, pretor romano

Viriato

Viriato Velho, pai de Viriato

Viriato Júnior, filho de Viriato

Damiana, amante de Viriato, filha de Vitílio

Sacerdote

Militar

Juiz

1.^a Cena

Um espaço de terra batida, ao ar livre, parecido com uma arena. Uma fogueira está acesa. Vêm-se postes espetados no chão com bonecos amarrados e queimados e grandes cruces. A um canto está uma roda que serve de objecto de tortura e uma cadeira com pregos afiados e fios eléctricos. Homens-corvo rodeiam esses postes e dão bicadas nos bonecos. Páram, ficam alerta quando entra o Bobo.

BOBO

Meus senhores e minhas senhoras, eu não sou Viriato, eu sou o Bobo. Sou a pessoa mais importante deste teatro. Sem mim não iriam perceber nada ou pelo menos, muito menos do que eu. Menos, menos, estou a repetir-me e ainda agora comecei. Bem, estou aqui para tirar dúvidas, falar com as crianças e encaminhar algum dos espectadores que se sintam mal ou que deseje somente ir aos lavabos. Por favor, desliguem os vossos telemóveis. É muito chato o seu vizinho no meio de uma cena trágica – e vão certamente ver cenas trágicas –, o seu vizinho, dizia eu, ser impedido de continuar concentrado num diálogo, porque neste teatro há muitos diálogos como terão oportunidade de ver. Isto não é uma performance, aviso já. *(Pausa)* Se mesmo assim desejam continuar cá dentro, tudo bem, senão ser-lhes-á restituído o dinheiro do bilhete ou retirado o convite. Bem, como ia dizendo, no fundo era só isto que eu queria dizer, esta peça não segue cronologicamente a história da Lusitânia, nem da Hispânia, nem da Cónia, nem de Roma, nem os factos históricos ocorreram exactamente como aqui vão ver. Tudo se passa num tempo indefinido, antes e agora. Tudo é inventado a partir de referências dispersas,

lidas e ouvidas aqui e acolá, tendo muitas das coisas que vão ver sido transmitidas de avós para netos, como quem diz, oralmente. É uma peça sobre Viriato, esse famoso... bem, não vou contar a história, o que eu queria falar era sobre subsídios... e falar de mim. Eu sou...

UM DOS ACTORES

(Grita) Acaba lá com essa merda! Estamos aqui para te aturar ou quê!

BOBO

Bem, tenho que me despachar. A pior coisa para mim é quando os actores começam a gritar. Esta peça portanto é sobre Viriato, o nosso herói lusitano, o que equivale a dizer que é sobre mim, ah, ah, ah...

O MESMO ACTOR

Não me digas que vais mesmo contar a história!

BOBO

(Afastando-se) Como estão a ver, o meu papel aqui é nada, não valho um tostão, sou uma espécie em extinção, como os burros. Já fui narrador, contra-regra, ponto, já fiz de criado, já transportei estandartes e toquei cornetas, enfim, e nunca me gritaram deste modo. Foi preciso tornar-me Bobo para ser humilhado desta maneira... Bom, então este teatro vai começar com a cena da serpente em que...

O MESMO ACTOR

Então, acabas ou não acabas, isto tem horas marcadas.

BOBO

Okey, okey. *(Para os espectadores, em voz baixa)* Adeus, desliguem os telemóveis senão eles zangam-se. Porra!

Entra um grande dragão que lança fogo e de onde é expulso um guerreiro. O Bobo apanha um susto.

GUERREIRO

Eh lá! Não se expulsa assim um homem, isso não são maneiras. Não se trata deste modo um herói da guerra. Não sou cabo, nem sargento, nem tão pouco furriel ou tenente. Eu sou um capitão que derrotou os generais romanos, o general Quíncio e o general Pláucio. Já ninguém se lembra! Eu sou o vencedor da batalha de Trébula, um grande caudilho, um chefe amado pelo meu povo...

BOBO

É como eu, um Bobo amado pelo meu povo.

GUERREIRO

(Para o Bobo) Tsst, sai daqui!... Um chefe amado pelo meu povo. Em vez de me darem medalhas escorraçam-me como se fosse um deficiente, um bobo, como se o meu corpo tivesse sido atingido por uma granada. Como se fosse cego ou tivesse menos uma perna ou um braço.

BOBO

(Fazendo de cego e de coxo) É como eu!

GUERREIRO

Quem quer saber dos meus pesadelos de guerra? Tremo durante a noite com medo de que uma espada me venha cortar o pescoço ou que um martelo me esmague o cérebro e os meus miolos saltem para alimentar os cães... *(Enxotando o dragão)* Vai-te embora, monstro, já ninguém precisa de ti, agora vivemos em democracia, sou eu e o povo quem manda.

O Bobo empurra o dragão, dá-lhe pontapés

BOBO

Vai-te, satanás, vai-te embora do meu reino, não vês que não há emprego para dois. Ou tu ou eu. Que línguas falas? *(Imita o latim, inglês, alemão, galego)* Eu falo estas todas, tantas quantos dedos tenho nas mãos. *(Com as mangas compridas)* Olha, onde pus as mãos? Viriato, viste as minhas mãos? *(Põe-se à procura das mãos)*

GUERREIRO

(Para o público) Eu sou Viriato, um homem de carne e osso, não sou uma invenção dos políticos.

BOBO

Ah, mas eu sou uma invenção deles, ah isso é que sou!

GUERREIRO

(Olha em volta) Mas onde se meteu o povo?

BOBO

O povo? O povo sou eu.

GUERREIRO

Não brinques com coisas sérias. Ainda há bocado estava ali, na arena, a saudar-me, a dar vivas à Lusitânia, a elogiar os meus feitos! Devem ter ido para a Grande Exposição, não vejo outra razão para me abandonarem. *(Grita)* Povo! Oh meu povo! Sim, devem estar na Exposição!

BOBO

(Goza) Oh meu povo, meu povinho, tralalá, lalá, anda cá acima beber um copinho de vinho. Ui, ui, o que vem a ser isto, quem vem lá?

Ouve-se gritos ao longe, aproximam-se. Entra um homem amarrado a uma carroça. É conduzido para a forca por três soldados romanos. Homens-corvo dançam à volta da carroça. E uma multidão segue atrás, aos gritos. O Guerreiro junta-se a eles. Os soldados param e atam o homem a um poste. Os homens-corvo bicam-no. O Bobo dá saltos acrobáticos, depois rodeia o Homem da Carroça, cheira-o.

HOMEM DA CARROÇA

Eu não sou Prometeu, já disse milhares de vezes que não sou um deus, nem filho de nenhum deus, sou apenas um homem, um soldado lusitano que tem sido pastor desde criança. O meu nome é Viriato. Porque será que não entendem a minha fala? Carneiros, cabras, ovelhas, é este o meu mundo, não quero saber de cidades, nem de Parlamentos, nem de partidos, a Europa não me diz nada, ofende a minha qualidade de cida-

dão. Apenas as minhas ovelhas me dão felicidade. Nem mesmo já as mulheres animam a minha cama.

POVO

(Atirando tomates e pedras) Cala-te, aldrabão, atreves-te a dizer o nome de Viriato, um nome sagrado para nós. Um traidor é o que tu és, um cobarde. Que fazias em Besteiros, escondido numa taberna?

BOBO

Sim, que fazias lá quando Viriato lutava contra as legiões de Pláucio em Évora, na capital Lusíada?

HOMEM DA CARROÇA

É uma confusão, eu nunca fui a Besteiros, nunca saí dos Hermínios, há aqui um equívoco. Eu sou Viriato, juro!

POVO

(Atirando-lhe repolhos) Maldito! Viriato foi aquele que encontrou o fogo e o trouxe até aos nossos dias. Ele nunca desafiaria um bobo para um duelo. Ele está agora escondido nos montes à espera do momento de vingar os mortos que fez o pretor da Hispânia, Sérvio Galba.

BOBO

Exactamente, esse assassino miserável que nem mesmo Roma aceita. Esse Galba estrangeiro que esventrou as nossas mulheres. Só minhas foram mais de cinquenta. É um fascista. E estes dois desgraçados romanos que parecem umas múmias de certeza que nem papéis têm. *(Para os soldados)* Mostrem-me os vossos papéis. Não dizem nada, não falam português. *(Para o Guerreiro)* Vês, ó tu que te apelidas de Viriato, querendo passar por aquilo que eu sou, é este o país a que pertences, é assim que desejarias governar, se fosses Viriato?

SOLDADOS ROMANOS

Scht,scht, para trás população!